



97

PANORAMA

DE ARTE BRASILEIRA

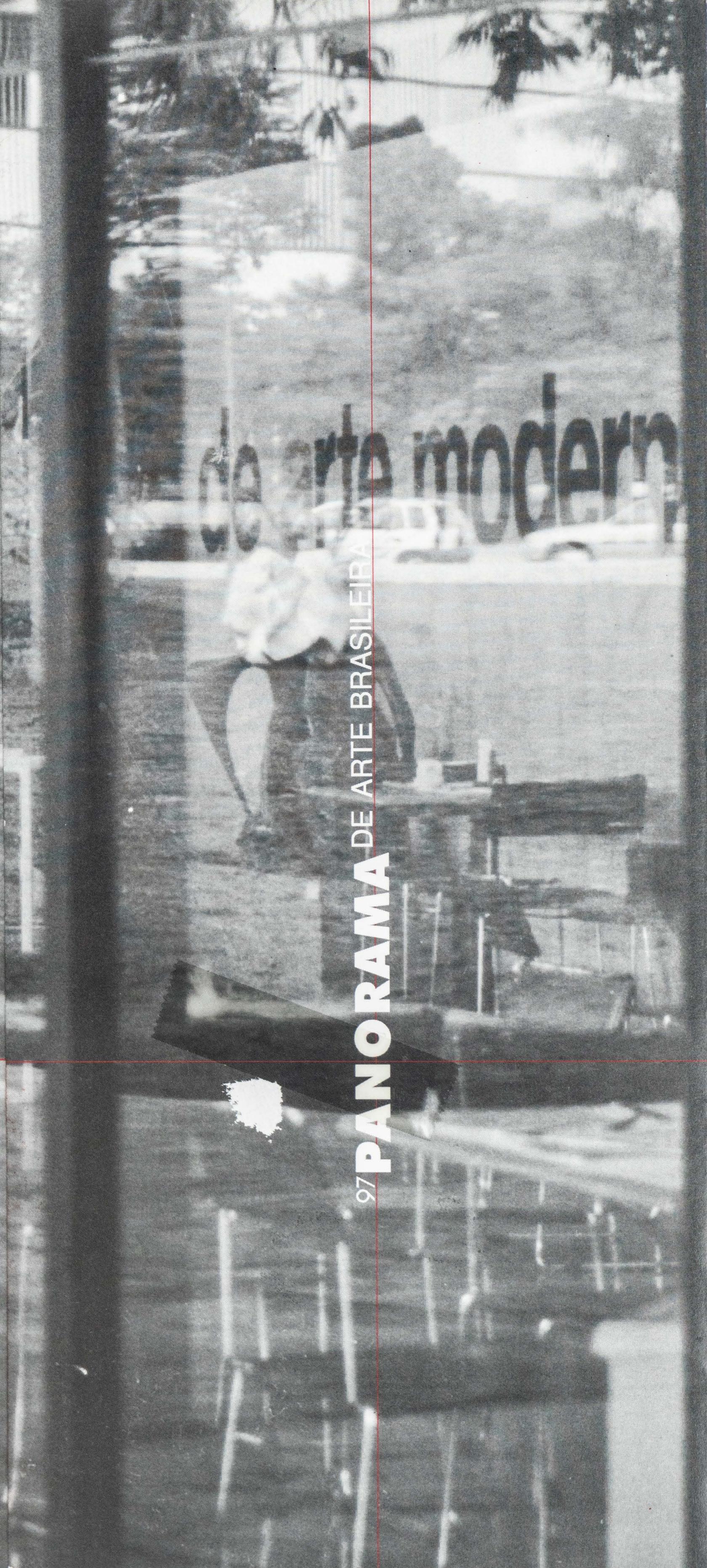
7 DE NOVEMBRO A 21 DE DEZEMBRO

mam

Museu de Arte Moderna de São Paulo

97 **PANORAMA** DE ARTE BRASILEIRA

COLEÇÃO MODARNA



KEILA ALAVER
 PEDRO AUGUSTO
 BRIGIDA BALTAR
 VERA CHAVES BARCELOS
 PAULO BUENNOS
 WALTÉRCIO CALDAS
 SANTIAGO VERA CAÑIZARES
 MARIO CRAVO NETO
 ROGÉRIO GHOMES
 SONIA LABORIAU
 ELDER ROCHA LIMA FILHO
 FERNANDO LINDOTE
 IOLANDA GOLLO MAZZOTTI
 FABIO MIGUEZ
 ROSANA MONNERAT
 CLAUDIO MUBARAC
 ELIAS MURADI
 ALEXANDRE NÓBREGA
 NAZARETH PACHECO
 DEBORAH PAIVA
 ROSANA PAULINO
 PAULO PASTA
 PAULO CESAR S. PEREIRA
 ROSÂNGELA RENNÓ
 HERBERT ROLIM
 MÔNICA RUBINHO
 JOSÉ RUFINO
 CRISTINA SALGADO
 DEL PILAR SALLUM
 IRAN DO ESPÍRITO SANTO
 ELISABETE SAVIOLI
 EDGARD DE SOUZA
 MARTA STRAMBI
 TUNGA
 CARLOS ZILIO

Esta edição do PANORAMA está circunscrita pela produção de dois artistas: ISMAEL NERY e TUNGA.

ISMAEL NERY, pelo fato de, talvez, ter sido o artista brasileiro que, na primeira metade deste século, mais intensamente deixou aflorar em sua vida/obra uma síntese perfeita entre mitologia individual e arquétipos universais, onde o corpo, sua transcendência, a dor de seus limites e a memória de suas possibilidades reais e/ou intuídas, foram os parâmetros absolutos. NERY está presente neste PANORAMA como uma espécie de emblema, ou sinal de uma "outra" história da arte no Brasil, despreocupada tanto de um viés nacionalista, quanto de um viés apenas formal.

TUNGA, por sua vez, fecha o outro lado deste PANORAMA por ser, talvez, o artista brasileiro que, neste final de século, mais intensamente vem deixando aflorar em sua vida/obra uma síntese perfeita entre mitologia individual e arquétipos universais. Em seus desenhos, o corpo, sua transcendência, a dor/prazer de seus limites e a memória de suas possibilidades reais e/ou intuídas, são parâmetros fundamentais.

A partir dessas fronteiras, os artistas selecionados para integrarem este PANORAMA, conformam uma determinada situação da arte atual brasileira, onde já parecem estar completamente superadas questões antes muito caras a nós: o nacionalismo (que pautou a produção brasileira até os anos 40/50) e o viés puramente formal (que foi a tônica de muitos artistas brasileiros após a Segunda Grande Guerra). Os artistas selecionados para este PANORAMA evidenciam o corpo e a memória como elementos fundamentais de suas obras, distanciando-se daquelas antigas tendências hegemônicas e se aproximando de um espírito mais próximo, talvez, de ISMAEL NERY que de TARSILA DO AMARAL.

Uma série deles tentam, por meio dos mais variados procedimentos, constituir suas poéticas em direção à manifestação da impossibilidade de comunicação entre os indivíduos. Fazem da arte uma metáfora da solidão e/ou da incomunicabilidade. Os trabalhos de KEILA ALAVER, PEDRO AUGUSTO, ROSANA MONNERAT, CRISTINA SALGADO, EDGARD DE SOUZA, ELISABETE SAVIOLI, IRAN DO ESPÍRITO SANTO, MÔNICA RUBINHO e WALTÉRCIO CALDAS - através das mais diferentes aproximações - dão bem a dimensão desta situação.

Já outros artistas aqui presentes procuram resgatar a memória do corpo pelos índices de sua passagem, pelas marcas de sua ausência. Fundamentalmente metáforas da morte ou da transitoriedade da vida, os trabalhos de ROGÉRIO GHOMES, ELIAS MURADI, NAZARETH PACHECO, DEL PILAR SALLUM e MARTA STRAMBI, entre outros, parecem definir um tipo de arte onde a marca do corpo ausente é o elemento fundamental.

Rompidos os códigos hegemônicos da arte e todas as utopias, vários artistas no Brasil e no exterior, ao se debruçarem sobre suas próprias individualidades em busca de valores e sinais precisos de uma identidade única e intransferível

encontraram, como elementos constitutivos dessa mesma identidade, fragmentos de suas histórias pessoais, que se mesclam irremediavelmente com culturas e etnias das quais fazem parte. Os trabalhos de MARIO CRAVO NETO, HILAL SAMI HILAL, ROSANA PAULINO, PAULO CESAR PEREIRA, JOSÉ RUFINO e outros, demonstram muito bem essa questão.

Por outro lado, se a busca de identidade individual e cultural levou alguns artistas a resgatarem os elementos visuais de suas culturas e etnias originárias, fez com que outros enveredassem para a poética investigação do próprio corpo, através de seus índices mais característicos, da simbolização de seus órgãos interiores, ou pelo caminhar em busca da memória autobiográfica. Aqui mereceriam ser lembrados os trabalhos de CLAUDIO MUBARAC, HERBERT ROLIM, BRIGIDA BALTAR, ELDER ROCHA, PAULO BUENNOS e SANTIAGO VERA CAÑIZARES.

Se vários artistas mergulharam nos índices e símbolos corporais e/ou autobiográficos para constituírem suas poéticas, outros preferiram mergulhar no imenso arquivo de imagens produzido pela Humanidade para, dessa fonte aparentemente inesgotável, retirarem certas imagens a serem resgatadas do mais completo esquecimento. Os trabalhos de VERA CHAVES BARCELOS, ROSÂNGELA RENNÓ e IOLANDA GOLLO MAZZOTTI, entre outros, podem ser apontados como exemplos possíveis desta atitude muito característica na produção artística desses últimos anos.

Dentro desse arquivo mencionado acima, a permanência de procedimentos de linguagens artísticas consagradas, seus códigos e suas imagens, são elementos integrantes e ainda com um alto grau de significação. Se DÉBORAH PAIVA, PAULO PASTA e CARLOS ZILIO retraçam a história da pintura pela reiteração do próprio ato de pintar, ALEXANDRE NÓBREGA e FÁBIO MIGUEZ tentam estabelecer - ou atestar - a impossibilidade do pictórico representar, hoje em dia, qualquer outra coisa que não seja a si mesmo (como, aliás, também fazem os três artistas citados acima). Já FERNANDO LINDOTE, devorando e regurgitando a tradição neoconcreta, sinaliza uma outra possibilidade para se pensar a permanência do pictórico na arte de hoje.

Tais considerações visam apenas estabelecer algumas conexões possíveis entre as obras dos artistas presentes neste PANORAMA. A própria disposição dos trabalhos e das instalações nos dois espaços de exibição propõe outras possibilidades.

O que seria fundamental é que o visitante se sinta disposto a estabelecer as suas próprias conexões entre as obras dos artistas presentes neste PANORAMA - uma exposição inquietante, que pretende dar bem a medida tanto da complexidade quanto da pertinência que uma parcela significativa da arte atual brasileira tem com o nosso cotidiano e nossa subjetividade.

97P

mam

Museu de Arte Moderna de São Paulo
Parque Ibirapuera portão 3 tel.(011) 549 9688
São Paulo cep 04094-000 SP

www.itaucultural.org.br/mamsp

3^{as}, 4^{as} e 6^{as}, das 12 às 18 H 5^{as}, das 12 às 22 H
sábados, domingos e feriados das 10 às 18 H

PATROCÍNIO



LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA